
Reflexões teóricas sobre o ensino do Empreendedorismo: a tentativa de construção de um modelo baseado na integração das áreas do conhecimento

Janaina Mendes de Oliveira *

Resumo

Este estudo tem como objetivo buscar referenciais para construir um modelo teórico que possa ser utilizado pelos agentes responsáveis pelo desenvolvimento regional. O empreendedorismo tem um importante papel para gerar a capacidade empreendedora de uma região e os agentes como instituições de ensino e/ou poder público deverão seguir determinadas orientações para a consecução deste objetivo. Construir uma teoria é um caminho difícil, pois não existe um conceito único. Alinhando as ciências até então utilizadas como psicologia e economia pode-se ter um grande escopo de trabalho, mas separadas elas tem enfoque em apenas um dos elementos do empreendedorismo. Este modelo procura integrar os conhecimentos trazidos das ciências como filosofia, economia, psicologia, e pedagogia, utilizando seus enfoques para a construção do indivíduo, a sua relação com o mundo e com a dinâmica da economia de uma região, e como se pode formar sua concepção para ser empreendedor, estes conceitos integrados podem criar um modelo teórico que fundamente ações no sentido da disseminação do empreendedorismo.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Ensino do Empreendedorismo. Formação de Empreendedores. Teoria do Empreendedorismo.

* Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina – Ufsc, professora do Centro Universitário Lasalle – Unilasalle e Coordenadora do Centro de Empreendedorismo de Canoas, RS, janainamendes@uol.com.br

1 INTRODUÇÃO

O empreendedor sempre teve um papel importante no desenvolvimento de uma sociedade, mas só atualmente ele vem ocupando um lugar de destaque. Empreender é um fenômeno cultural que diz respeito aos valores da sociedade e não uma questão exclusivamente de conhecimento, apesar de depender da capacidade de inovação e auto-aprendizagem. Sua importância consiste em movimentar a economia num processo de introduzir inovações e novos meios de produção, provocando a destruição criadora. Esse fenômeno reflete-se na dinâmica empresarial que implica no surgimento de novas empresas e no fortalecimento de outras.

Mudanças tecnológicas, globalização, novos conhecimentos, velocidade da informação são expressões cada vez mais presentes no dia-a-dia. Estudantes, profissionais e empresas são chamadas a repensar valores, vocações e mecanismos de desenvolvimento. Novas relações estão sendo criadas. Trabalho e emprego nunca mais serão os mesmos. Assim, o empreendedorismo passa a ser uma opção de carreira, porém, como tema de estudo, ainda está no seu estágio inicial, embora a história das sociedades não existisse se não houvesse a figura do empreendedor.

Para Gartner (1988), a literatura existente não oferece uma única explicação para o tema empreendedorismo. Quando se procura um conceito para o tema, utilizam-se os estudos da psicologia, que procura explicações para o comportamento do empreendedor, ou da economia, que justifica sua importância para o desenvolvimento de uma região.

Romper paradigmas e criar um nova visão de mundo é o papel das instituições de ensino, que levarão a uma mudança na adoção de programas de formação de empreendedores, segundo Kuhn (1997, p. 171), “[...] após uma revolução, os cientistas trabalham em um mundo diferente.”

Para Oliveira (2006), há estudos sobre a nova dinâmica do papel da universidade num contexto de mudanças (MORTHY, 2003; ETZKOWITZ, 2001; GREGOLIN, 1998 apud OLIVEIRA, 2006). O interesse pelo tema do empreendedorismo nas instituições de ensino superior justifica-se pela necessidade

de proporcionar aos estudantes novas formas de inserção na sociedade altamente competitiva.

Entretanto, ainda há carência de bases teóricas apropriadas para fundamentar o ensino do empreendedorismo, já que o objetivo deste trabalho é refletir sobre a construção de um modelo teórico para o ensino do empreendedorismo.

A metodologia adotada neste estudo é a exploratória. Segundo Gil (2002, p. 41), “estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses”. Para Tripodi, Fellin e Meyer (1981), estudos exploratórios são investigações de pesquisa empírica que têm como finalidade a formulação de um problema ou questões, desenvolvendo hipóteses ou aumentando a familiaridade de um investigador com um fenômeno ou ambiente para uma pesquisa futura mais precisa.

Para Gil (2002), a pesquisa exploratória geralmente assume a forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso. Neste estudo, acredita-se que a pesquisa bibliográfica se torna fundamental, considerando a diversidade de linhas do conhecimento a serem abordadas.

Inicialmente, analisou-se, segundo o Fluxograma 1, a relação entre os conceitos do empreendedorismo e como as diferentes teorias poderiam auxiliar. Foram exploradas as áreas da psicologia, economia, pedagogia e filosofia, na tentativa de construir embasamento teórico que justifique e torne efetivas as diversas ações utilizadas pelas instituições responsáveis por estimular os cidadãos a terem espírito e iniciativa empreendedora.

2 O EMPREENDEDORISMO E AS TEORIAS

No Fluxograma 1, apresenta-se a relação das áreas com o tema empreendedorismo. A filosofia ao tentar compreender como o indivíduo adquire a visão necessária para iniciar o empreendimento. Assim, a economia explica a relação direta do empreendedor como agente do desenvolvimento econômico; a psicologia descreve o comportamento desse indivíduo e a pedagogia proporciona bases para a educação de empreendedores. A seguir, faz-se a análise de cada uma delas.

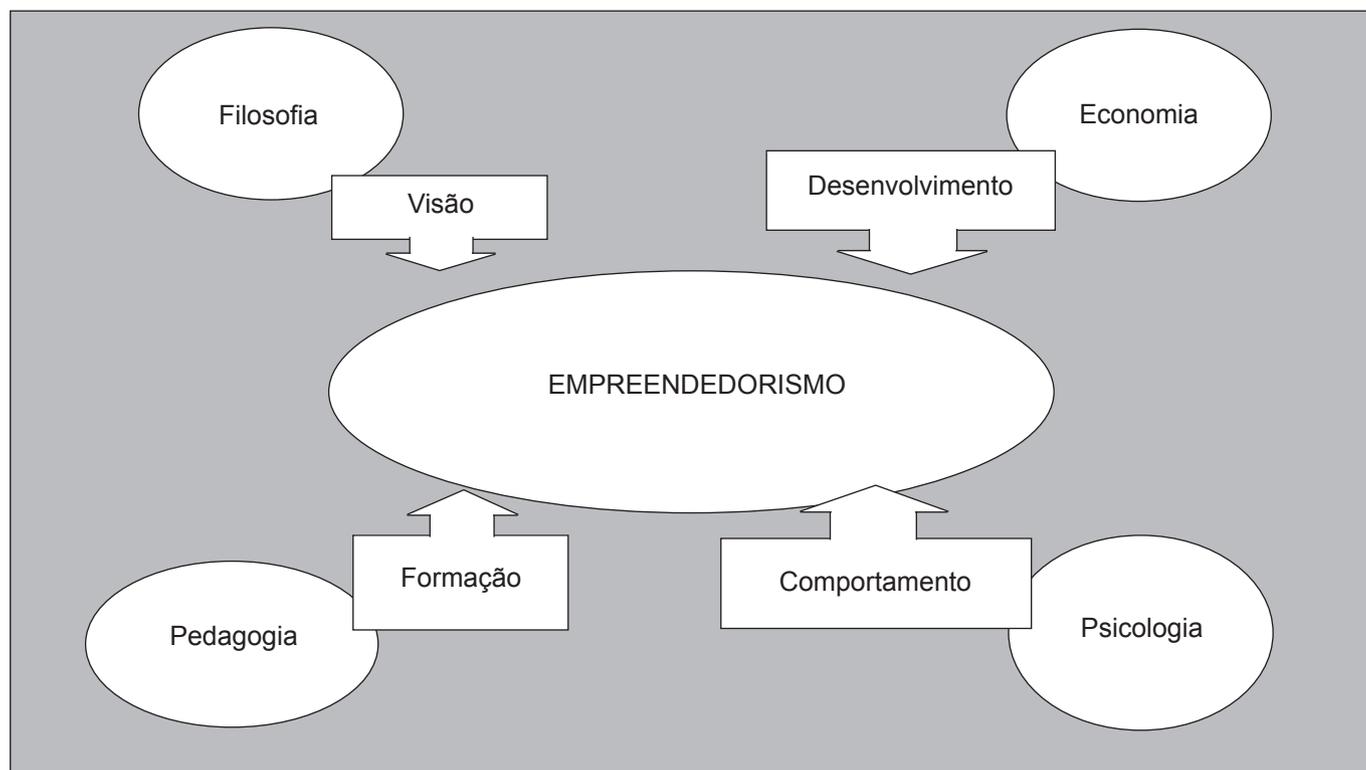
2.1 EMPREENDEDORISMO: ENFOQUE DA FILOSOFIA

Para Chaui (2001), a filosofia tem pelo menos quatro definições gerais, as quais ela faz uma análise. Por **visão de mundo**, a autora caracteriza como conjunto de idéias, valores e práticas pelos quais uma sociedade apreende e compreende o mundo e a si mesma. Para Chaui (2001), essa definição não pode ser aceita, pois não compreende todo o escopo do estudo filosófico, apenas identifica filosofia e cultura. **Sabedoria de vida** significa a contemplação do mundo e dos homens para conduzi-los a uma vida justa, sábia e feliz. Do mesmo modo, para a autora, esse conceito está mais ligado a uma sabedoria interior e não traduz toda a amplitude da definição. O **esforço racional para conceber o universo como uma totalidade ordenada e dotada de sentidos** é uma definição da filosofia, cuja tarefa é compreender o mundo em sua totalidade; segundo a autora, sabe-se, hoje, que é impossível uma única explicação para o todo e a realidade. Assim, a filosofia se confunde com a religião, ou mesmo se opõe. Na **fundamentação teórica e crítica dos conhecimentos e das práticas**, a filosofia é a análise, reflexão e crítica

sobre a realidade e os seres humanos. Para a autora, a filosofia é a “busca do fundamento e do sentido da realidade em suas múltiplas formas, indagando o que são, qual sua permanência e qual a necessidade interna que as transforma em outras”. (CHAUI, 2001, p. 16).

Ao estudar os filósofos como Platão (saber verdadeiro), Descartes (estudo da sabedoria), Kant (conhecimento da razão), Marx (transformação do mundo), compreende-se que se pode abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum, bem como buscar compreender o significado do mundo.

Pela análise filosófica, pode-se estabelecer a questão que leva os indivíduos a serem empreendedores pela ótica dos valores, da visão de mundo que possuem. Por exemplo: se num certo dia, ao café da manhã, uma criança pequena (dois anos) visse seu pai flutuar sobre a mesa, ficaria espantada, (como ficaria espantada ao ver seu pai subir no telhado, ou fazer a barba). Um adulto ao ver a cena, ficaria realmente espantado, em estado em choque, porque, segundo Gaarder (1999, p. 29), “um adulto aprendeu que as pessoas não podem voar. Uma criança não. Ela ainda não tem muita certeza do que é possível e do que não é possível neste mundo.”



Fluxograma 1: As ciências e sua relação com empreendedorismo

Fonte: a autora.

A filosofia tenta compreender o mundo. Muitas pessoas não têm ousadia de ir adiante buscar respostas, preferem se acomodar. Os estudos sobre o empreendedor demonstram que ele busca as respostas e não se acomoda.

Segundo Gaarder (1999), um filósofo é uma pessoa que reconhece que há muita coisa além do que se pode entender; a famosa frase de Sócrates reflete isso: “só sei que nada sei.”

Para explicar o comportamento do empreendedor: “aquele que vê onde os outros não vêem”, poderia-se utilizar do mito da caverna de Platão. Imagine-se numa caverna subterrânea, onde seres humanos estão aprisionados, sem poder se mexer; a luz penetra por uma fresta e o que eles conseguem ver são apenas sombras projetadas numa parede ao fundo da caverna. Essas sombras são de estatuetas de figuras de homens, animais e coisas. O que aconteceria, indaga Platão, se alguém libertasse os prisioneiros? Segundo o autor:

[...] num primeiro momento, ficaria completamente cego, pois a fogueira na verdade é a luz do sol e ele ficaria inteiramente ofuscado por ela. Depois, acostumando-se com a claridade veria os homens que transportam as estatuetas e, prosseguindo no caminho, enxergaria as próprias coisas, descobrindo que, durante toda a sua vida não vira senão sombras de imagens [...] e que somente agora está contemplando a própria realidade. (CHAUI, 2001, p. 40).

Para Platão, a caverna é o mundo em que se vive e a saída da caverna representa a verdade. Entretanto, os homens não conseguem entender, e aquele que conseguiu vai ser condenado, porque é diferente: “porque imaginam que o mundo sensível é o mundo real e o único verdadeiro” (CHAUI, 2001, p. 41).

Sócrates questiona sobre os valores e os gregos não sabiam responder porque nunca tinham feito uma reflexão sobre suas crenças, valores e idéias; “nada de ciência abstrata: bastava munir o educando de ‘pontos de vista’”, que ele deveria saber defender de forma persuasiva (PLATÃO, 1999, p. 13). Conhecer, diz Platão, é recordar a verdade que já existe em nós; é despertar a razão para que ela se exerça por si mesma.

Por isso, Sócrates fazia perguntas pois, por meio delas, as pessoas poderiam lembrar-se da verdade e do uso da razão.

Senão se nasce com a razão e com a verdade, indaga Platão, como saberíamos que temos uma idéia verdadeira ao encontrá-la? Como poderíamos distinguir o verdadeiro do falso, se não nascessemos conhecendo esta diferença? (PLATÃO, 1999, p. 17)

A própria sociedade condena aquele que deseja sair da caverna. Sócrates foi condenado a beber cicuta por ter colocado em dúvida as noções a que o povo estava habituado, por querer mostrar o caminho do verdadeiro conhecimento.

Aristóteles acreditava em três formas de felicidade. A primeira delas era uma vida de prazeres e satisfações; a segunda forma de felicidade era uma vida como cidadão livre, responsável e a terceira, a vida como pesquisador e filósofo. Para o filósofo, deveria haver um equilíbrio entre as três formas. Ele acreditava que existia uma finalidade para tudo na natureza, foi considerado o Pai da Lógica.

Platão, Aristóteles e Sócrates foram filósofos da natureza e tentavam compreender sua relação com o mundo. A academia de Platão era conduzida por diálogos, só se chega ao conhecimento a partir do diálogo, a partir do questionamento (método que poderia ser instituído nas instituições de ensino, afinal o empreendedor só age porque questiona).

2.2 EMPREENDEDORISMO: ENFOQUE DA ECONOMIA

A delimitação, a partir do ponto de vista econômico será utilizada para definir o empreendedor uma vez que essa análise é fundamental como tema de estudo.

Segundo Correa e Berni (2000), há dificuldades na definição do termo empreendedor, portanto existem vários autores da área de economia que tentam defini-lo.

A principal análise realizada pelos autores citados é relativa ao economista Schumpeter, que, segundo eles, considerava o empreendedor essencialmente

como inovador, pois “[...] a atividade empreendedora envolve a busca, descoberta, experimentação, o desenvolvimento, a imitação e a adoção de novos produtos, ou de novos processos de produção ou de novas estruturas organizacionais.” (DOSI, 1988 apud CORREA; BERNI, 2000, p. 12).

O fenômeno empreendedorismo foi descrito por Schumpeter em 1911 e, de fato, a sua analogia entre a figura do empreendedor e a do desenvolvimento é que destaca a importância deste tema. Para o autor:

Produzir significa combinar materiais e forças que estão ao nosso alcance. Produzir outras coisas, ou as mesmas coisas com método diferente, significa combinar diferentemente esses materiais e forças. Na medida em que as “novas combinações” podem, com o tempo, originar-se das antigas por ajustes contínuos mediante pequenas etapas, há certamente mudança, possivelmente há crescimento. (SCHUMPETER, 1982, p. 22).

Assim, “o desenvolvimento, no sentido que lhe damos, é definido então pela realização de novas combinações.” (SCHUMPETER, 1982, p. 26). Ele salienta que para existir empreendimento deve haver empresário; chama-se empreendimento à realização de combinações novas; chama-se empresários aos indivíduos cuja função é realizá-las. O autor ressalta, no capítulo II do livro intitulado “Teoria do Desenvolvimento Econômico”, a função do empreendedor como aquele que leva a cabo novas combinações e deixa de sê-lo quando se torna administrador, aquele que somente mantém as coisas como estão.

Para Schumpeter (1982), existem três aspectos que causam obstáculos às inovações: falta de dados, resistência às mudanças e o meio ambiente. Primeiramente, o indivíduo precisa lidar com o desconhecido, faltam-lhe informações para a tomada de decisões e, muitas vezes, deverá usar a intuição: compara com a ação militar, que “deve ser decidida numa dada posição estratégica, mesmo que todos os dados potencialmente obtíveis não estejam disponíveis”. (SCHUMPETER, 1982, p. 27).

O segundo aspecto revela que a natureza do indivíduo acha mais cômodo deixar as coisas como estão, ou seja, a “[...] própria natureza dos hábitos arraia-

gados de pensar, a sua função poupadora de energia, se funda no fato de que se tornaram subconscientes, que produzem seus resultados automaticamente e são à prova de crítica”. (SCHUMPETER, 1982, p. 27).

Por último, o meio ambiente impede as inovações com barreiras políticas e legais, o próprio grupo social (quando não naturalmente aberto ao novo) e os grupos ameaçados pela inovação.

Segundo o autor, o empreendedor é necessário ao desenvolvimento, é a figura chave. Por outro lado, reconhece a dificuldade de encontrá-los, por serem especiais. Ele acha difícil conciliar a atividade de inovar com as funções diárias de manter o empreendimento.

Keynes (1964) referencia uma figura, que não chama de empreendedor, mas de “*animal spiritus*”, considerando sua importante contribuição para a Teoria do Emprego, do Juro e do Dinheiro:

Pode-se afirmar sem receio que a empresa dependente das esperanças que olham o futuro beneficia a comunidade inteira; porém a iniciativa individual somente será adequada quando a previsão racional for secundada e sustentada pela energia animal, de tal maneira que a idéia dos prejuízos finais, que frequentemente desanima os pioneiros, como a experiência nos prova e a eles, é repelida do mesmo modo que o homem cheio de saúde repele a sua probabilidade de morte. (KEYNES, 1964, p. 158).

2.3 EMPREENDEDORISMO: ENFOQUE DA PEDAGOGIA

Na perspectiva da pedagogia, procura-se entender a formação de empreendedores, por meio dos métodos pedagógicos. Segundo Mizukami (1986 apud OLIVEIRA; PEREIRA; DORION, 2003), as abordagens no processo ensino-aprendizagem dividem-se em cinco correntes:

- a) Tradicional: considera o professor com o papel de transmitir o conhecimento, independentemente da vontade do aluno;
- b) Comportamentalista: cujo representante é Skinner; pressupõe que o conhecimento é estruturado indutivamente, via experiência;

- c) Humanista: o ensino é centrado no aluno;
- d) Cognitivista: seu representante é Jean Piaget; tem a noção de desenvolvimento do ser humano por fases que se inter-relacionam, sendo sucedidas até que atinjam estágios da inteligência;
- e) Sociocultural: focaliza a influência da interação entre os indivíduos e com o mundo no processo de aprender. Essa corrente tem como representantes Lev Vygotsky e, no Brasil, Paulo Freire.

Vygotsky trabalha explícita e constantemente com a idéia de reconstrução, de reelaboração por parte do indivíduo, dos significados que lhes são transmitidos pelo grupo cultural. A consciência individual e os aspectos subjetivos que constituem cada pessoa são, para Vygotsky, elementos essenciais no desenvolvimento da psicologia humana, dos processos psicológicos superiores. A constante recriação da cultura por parte de cada um de seus membros é a base do processo histórico, sempre em transformação, das sociedades humanas.

Para este estudo, será utilizada a corrente sociocultural, considerando a hipótese de que o estímulo ao empreendedorismo vem do ambiente sociocultural. O maior representante dessa corrente é o psicólogo do desenvolvimento Lev Vygotsky. Ele modificou o modo de pensar sobre as questões de aprendizagem trabalhando nos ramos da psicologia, sociologia e antropologia:

Essa natureza fluida dos mundos social e psicológico cria uma necessidade premente de que todas as ciências sociais venham a orientar-se para o estudo de processos de desenvolvimento – de pessoas (na psicologia), de instituições sociais (na sociologia) e de culturas em geral (na antropologia cultural). [...] Daí que voltar-se para as idéias de Vygotsky fundamenta-se na necessidade concreta de descobrir como conceituar o desenvolvimento. (VALSINNER, 1988 apud OLIVEIRA, 1995, p. 21).

Oliveira (1995), num estudo sobre a obra de Vygotsky, constata que ele trabalhou na área chamada pedologia (ciência que integra os aspectos biológicos, psicológicos e antropológicos da criança). Ele considerava uma síntese das diferentes disciplinas que estudam o desenvolvimento humano. Vygotsky opera com a mediação dos sistemas simbólicos na aprendizagem, por isso os grupos culturais atuam no sentido de moldar o modo psicológico do indivíduo. Por exemplo: se não existirem aviões numa determinada cultura, o indivíduo não disporá mentalmente da representação simbólica para o objeto. A cultura de um determinado grupo cria significados por meio dos quais ele interpretará a realidade. Conforme Oliveira (1995, p. 63):

A questão do aprendizado, vinculado a instituições de ensino, tem muito a contribuir na questão de formação; há grandes trocas de experiências e também grandes choques de modelos mentais. “O desenvolvimento pleno do ser humano depende do aprendizado que realiza num determinado grupo cultural, a partir da interação com outros indivíduos da sua espécie” (REGO, 2000 apud OLIVEIRA; PEREIRA; DORION, 2003). Todo aprendizado ocorre a partir da reflexão de sua própria prática, da sua rotina do dia-a-dia, da sua forma de liderar ou ser liderado, dos seus modelos mentais arraigados, de sua visão de mundo e de homem.

O homem é um ser inacabado, o mundo é passível de transformações, nada é estático e sim um processo contínuo de construção e reconstrução de saberes.

Em determinadas escolas infantis ou mesmo de ensino fundamental (as que possuem concepções baseadas nos modelos de Vygotsky), procuram ouvir mais seus alunos e criam formas de ensino que procuram valorizar o que eles já sabem, criando fóruns de debates que ajudam a pensar e avançar nas suas próprias concepções. O mesmo deve ocorrer com todas as modalidades de ensino; considerar o conhecimento prévio dos alunos e, a partir desses trabalhá-los, uma vez que haja choque nas crenças e concepções acerca do mundo, há possibilidades de aprendizagem.

Um modelo para a formação de empreendedores deverá estar vinculado, num primeiro momento, ao conhecimento que os homens têm da sua realidade; posteriormente, pretende-se que ele chegue e, numa perspectiva mais importante, traçar um cami-

nho entre esses dois pontos que venha a promover conflitos de concepções, de idéias, valores e modelos mentais. Delimitar objetivos, os quais se pretendem atingir é importante; não há tempo que possa ser desperdiçado, pois há necessidade de empreendedores que façam a diferença e mudem o que está posto, que inovem, recriem e ainda, que compartilhem com os outros sua concepções, estimulando o surgimento de novos empreendedores.

Considerando essa linha, percebe-se que o homem necessita de um “empurrãozinho” para se desenvolver. A zona de desenvolvimento proximal cria o aprendizado que coloca fatores internos (eu) em conflito com os externos (social) e, sem a ajuda do outro, essa aproximação seria praticamente inexistente.

Assim, pode-se inferir que um ambiente para formação de empreendedores deve considerar os efetivos momentos de formação, treinamento como aprendizado, vinculando na sua rotina, momentos de reflexão grupal (facilitando a troca de idéias e a superação de modelos mentais, refletindo sobre seus paradigmas).

O desenvolvimento é fruto de toda experiência que as pessoas passam, sejam elas boas ou ruins, como também a interação e a troca. Há necessidade de promover situações de aprendizagem em que os envolvidos reflitam sobre suas concepções, seus modelos pré-estabelecidos e partam para a aquisição de novos conhecimentos.

As teses de Vygotsky são concretas quando se referem ao importante papel mediador da cultura na construção do pensamento do indivíduo, como também ao processo de internalizar conhecimentos: “o homem transforma e é transformado nas relações que são produzidas constantemente, [...] é na relação dialética com o mundo que o sujeito se constitui e se liberta.” (REGO, 2000 apud OLIVEIRA; PEREIRA; DORION, 2003).

O requisito básico é que ele sinta a necessidade de mudar, se não houver necessidade, a aprendizagem não será significativa. A problematização das mais diferentes situações, fazer enxergar o porquê; é necessário uma mudança de postura (seja ela visando ao lucro ou visando a entrada no mercado); sem motivação não se consegue promover aprendizado. Conforme Rego (2003, p. 109):

[...] para que exista apropriação de conhecimentos é preciso também que exista internalização, que implica na transformação dos processos externos (concretizado nas atividades entre as pessoas), em um processo intra psicológico (onde a atividade é reconstituída novamente). O longo caminho de desenvolvimento humano segue, portanto, a direção do social para o individual.

A forma com que cada um aprende é diferente, a visão de mundo é individual, bem como a forma de desenvolver-se, os treinamentos devem usar estratégias de aprendizagem com diferentes metodologias de ensino, que possibilitem a cada um ver a si mesmo, seus limites, suas dificuldades e sentir vontade de mudar. Sem necessidade não há busca. Impor conhecimentos não surte mais efeito; o homem não é um robô ou um depósito de informações; se ele não for considerado um ser em processo de desenvolvimento de nada adiantará investir no seu aspecto profissional.

Para que possa haver o desenvolvimento do indivíduo, Vygotsky propôs a necessidade de respeitar ritmos, valores, conhecimento, capacidades, etc. Para isso, a ajuda mútua seria de fundamental importância para promover avanços cognitivos (interação e troca com o outro). As formações devem trazer à tona problemáticas da própria comunidade (é o olhar para si).

Toda a instituição universitária é, principalmente, baseada na transmissão do conhecimento e dos saberes homologados que as pesquisas geram. Esse processo levanta uma polêmica relevante na relação, ou seja, o reconhecimento científico *versus* a formação em empreendedorismo no contexto universitário. Essas organizações com função dominante de comunicação e difusão do conhecimento devem conviver com as organizações que privilegiam a mobilização do conhecimento (BARBIER, 1996). Por exemplo, a realidade do trabalho e da vida diária tornam-se uma fonte de informação para as universidades e o pensamento socioconstrutivista força a fusão de ambos. A noção do saber teórico agora tem de se fundir ao conhecimento tácito para garantir o crescimento do valor agregado das empresas. O pensamento socioconstrutivista explica o deslocamento que as instituições acadêmicas precisam fazer para serem rigorosas e atuais, talvez como ambiente de comunicação e difusão dos saberes.

Essa lógica, segundo Oliveira, Pereira e Darian (2003), tem sentido em um contexto de formação em empreendedorismo, porque está baseada numa realidade sistemática, constituída no mundo acadêmico e integrado ao mundo dos empreendimentos. Assim, a produção e a transmissão do conhecimento explícito conjugaram a transmissão e a integração do conhecimento tácito como base de formação para o aluno.

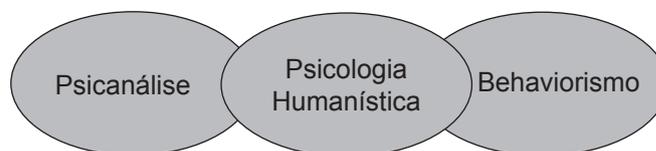
2.4 EMPREENDEDORISMO: ENFOQUE DA PSICOLOGIA

A teoria da psicologia procura explicar o comportamento do empreendedor e são vários os autores que descrevem essa temática.

O psicólogo David McClelland foi um dos primeiros autores a descrever o comportamento do empreendedor, em 1961. Para ele, os empreendedores são motivados pela necessidade de realização. O Quadro 1 mostra uma revisão da literatura existente sobre autores que procuram descrever quem é o empreendedor. Isso significa que, os estudos realizados, em sua maioria, inferem que o empreendedor é motivado pela realização. Essa interpretação pode ser relacionada à teoria da motivação, na qual o empreen-

dedor pode ser estimulado a buscar sua realização no desenvolvimento de empreendimentos.

Um enfoque que pode explicar esse comportamento baseia-se na psicologia humanística, que representa um conjunto das diferentes teorias da psicanálise e behaviorista, representado no Esquema 1.



Esquema 1: Enfoque da Psicologia Humanística
Fonte: elaborado a partir da revisão da literatura.

Os principais constituintes desse movimento são Carl Rogers (1902-1985) e Abraham Maslow (1908-1970).

A Psicologia Humanista é centrada na pessoa e não no comportamento. Ela visa à compreensão e o bem-estar da pessoa; não o controle. Segundo essa concepção, a psicologia não seria a ciência do comportamento e sim a ciência da pessoa. Segundo essa teoria, o indivíduo é o único que tem potencialidade de saber a totalidade da dinâmica de seu comportamento e das suas percepções da realidade e de descobrir comportamentos mais apropriados para si de forma à realização plena.

Data	Autor	Características
1980	Brockhaus	Propensão ao risco
1970	Cooper and Dunkelberg	Imigrantes, existência de cultura familiar empreendedora
1979	Decarlo and Lyons	Liderança, autonomia
1975	Durand	Necessidade de auto-realização
1977	Gomolka	Cultura familiar empreendedora
1981	Hisrich and O'Brien	Persistência, orientado por objetivos
1971	Hornaday and Aboud	Liderança, inovador, autonomia, necessidade de auto-realização
1970	Hornaday and Bunker	Necessidade de auto-realização, criatividade, tolerância à incerteza
1972	Howel	Bom nível de educação, influência
1980	Hull, Bosley and Udell	Criatividade, necessidade de auto-realização
1980	Lachman	Necessidade de auto-realização, cultura familiar empreendedora
1974	Liles	Necessidade de auto-realização
1965	Litzinger	Independência, propensão ao risco
1961	McClelland	Necessidade de auto-realização, otimismo
1981	Mescon and Montanari	Necessidade de auto-realização, autonomia
1965	Schrage	Necessidade de auto-realização e poder
1969	Wainer and Rubin	Necessidade de auto-realização, poder e afiliação
1982	Welsch and Young	Otimista, propensão ao risco, necessidade de controle

Quadro 1: Estudos sobre a figura do empreendedor

Fonte: adaptado de Gartner (1988) "Who is an entrepreneur."

A atmosfera que envolve toda a teoria de Rogers é a crença nas possibilidades, nas potencialidades do indivíduo. Segundo o autor, as pesquisas e as constatações clínicas evidenciam que praticamente todo ser humano possui impulso ao crescimento ou à atualização de suas potencialidades.

Para Maslow (1982), a busca da auto-realização é o compromisso do ser humano. Ele começou a estudar a questão da auto-realização em virtude da profunda admiração pelos seus professores Ruth Benedict e Max Wertheimer. Maslow considerava os cientistas brilhantes e extraordinários, além de seres humanos profundamente realizados e criativos. Assim, iniciou seu estudo para procurar tentar descobrir o que os fazia tão especiais.

Para o autor, o crescimento psicológico ocorre em termo de satisfação das necessidades mais elevadas. Para isso, o indivíduo precisa satisfazer as necessidades básicas (fisiológicas, segurança, social e auto-estima).

Em seus estudos, Maslow constatou que as pessoas auto-realizadas são:

- a) dedicadas à sua vocação;
- b) suas exigências externas coincidem com as internas (o querer e o dever);
- c) a situação de plenitude gera sentimento de boa sorte;
- d) transcendem o trabalho;

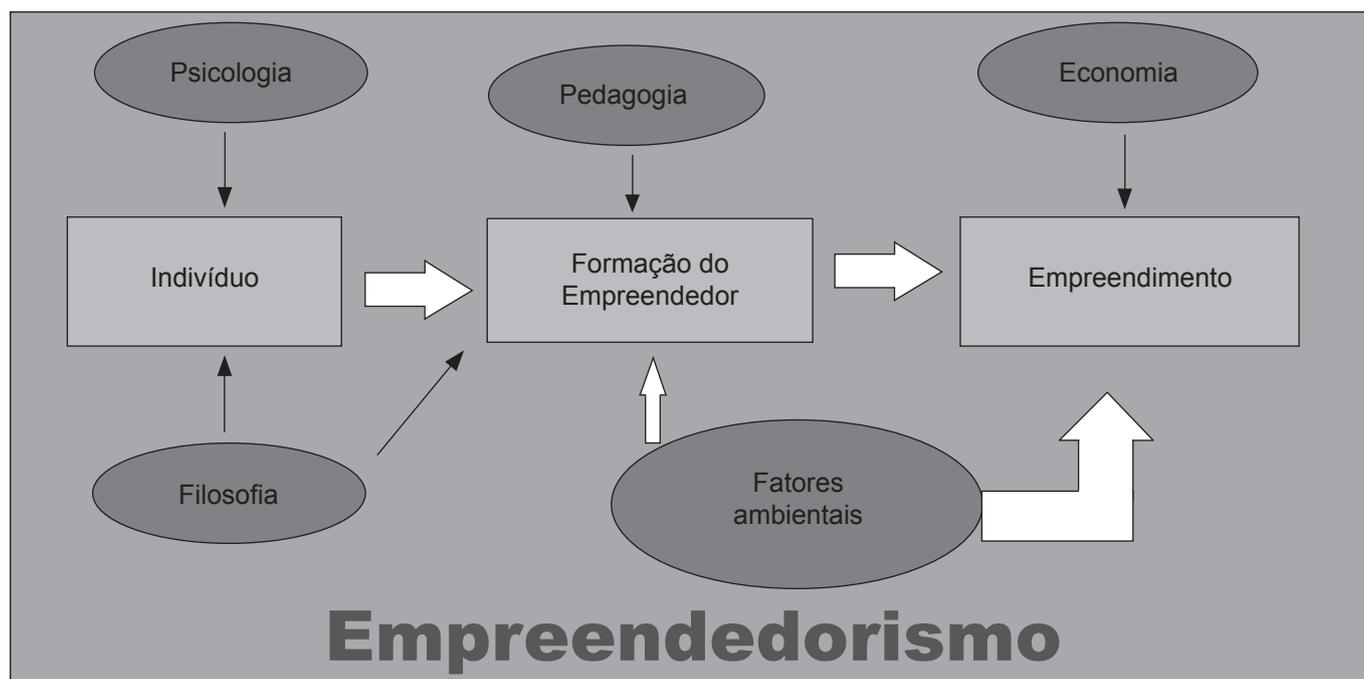
- e) são identificadas com o trabalho que realizam;
- f) amam o que o trabalho as proporciona;
- g) transcendem a diferença entre o eu e o não eu (externo);
- h) não são motivadas pelas necessidades básicas.

O enfoque da psicologia humanística parece ser o mais indicado para explicar o comportamento do empreendedor, principalmente quando se analisa a questão da auto-realização.

3 A INTEGRAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PARA FORMAR UM MODELO TEÓRICO

Apresentou-se aqui um estudo relacionando à ciência e ao empreendedorismo. Pode-se estudar o empreendedorismo por meio da integração dos conceitos das ciências. Cada ciência estudada pode fornecer subsídios para os vários elementos que compõem o fenômeno. Kouriloff (2000) defende uma teoria unificada de empreendedorismo entre a psicologia, economia e sociologia, de forma a entender o fenômeno como um todo.

O empreendedorismo não se resume apenas a definição de características, o processo inicia-se com o indivíduo, mas depende da formação e de diversos fatores ambientais até que se concretize o nascimento de um empreendimento. O Fluxograma 2 ilustra esse processo:



Fluxograma 2: Modelo integrador das ciências e do processo empreendedor

Fonte: a autora.

Nesse modelo, pode-se utilizar a psicologia para trabalhar as características do indivíduo, no sentido de despertar, principalmente, a necessidade de auto-realização, a qual é destacada na maioria dos estudos sobre esse assunto. A filosofia poderá ser utilizada para a construção da visão do mundo que o cerca, importante fator para aqueles que formam organizações em um contexto social. Esse indivíduo, em contato com um ambiente formador, como as instituições de ensino, poderá, com a ajuda de ciências como a pedagogia, obter instrumentos para a construção do perfil do futuro empreendedor. A ciência da filosofia poderá ajudar nesse passo, quando trouxer elementos para construção do pensamento crítico, que ajuda os indivíduos na identificação de oportunidades. Assim, o indivíduo precisa da ciência econômica para entender a dinâmica do mercado, processo de desenvolvimento de negócios e o seu papel como agente desse processo. Então, são imprescindíveis os fatores sociais, legais e políticos, como as leis de incentivo à abertura de negócios, à política de inovação, aos mecanismos de apoio, entre outros fatores que são responsáveis para formar a capacidade empreendedora de uma região.

Utilizando o modelo, cria-se um pensamento linear, em que os diversos conhecimentos podem ser agregados em uma única forma. Exemplo: numa instituição de ensino que pretenda estimular o empreendedorismo, utiliza-se uma linha do desenvolvimento de um ambiente pedagógico conforme a linha de Vygotsky, em que o indivíduo é fruto do meio, e a construção de sua identidade acontece à medida que se estabelecem as relações sociais. As instituições de ensino que adotarem um programa de formação de empreendedores, baseados nessa perspectiva, estabelecerão um ambiente empreendedor, criando mecanismos em que os alunos reconheçam a realidade que o cerca, estimulando a necessidade de interação a fim de fazer novos empreendimentos. Assim, o modelo estabelece a ciência do comportamento, por meio da psicologia humanista, a qual pode fundamentar ações no sentido de estimular o indivíduo na busca por sua realização pessoal. Ao utilizar a filosofia, estabelece-se a linha de ação para o pensamento crítico. E, final-

mente, o pensamento econômico, base de inovação do desenvolvimento econômico, segundo a visão de Schumpeter, fecharia o ciclo.

Dessa forma, uma linha de ação para estabelecer o ambiente empreendedor, principalmente nas instituições de ensino, seria sistematizada mediante uma grade curricular em todos os seus cursos, privilegiando todos esses conhecimentos; esse modelo integrador poderá nortear as ações para disseminar o empreendedorismo.

4 CONCLUSÃO

O empreendedorismo é um tema importante, que diz respeito não somente ao desenvolvimento de uma sociedade, mas também à questão da realização do indivíduo.

A preocupação em formar indivíduos empreendedores é de extrema relevância para um país ou região, por isso a disseminação do tema, entretanto, é preciso um modelo teórico que possa ser eficientemente utilizado pelas instituições de modo a criar a cultura empreendedora.

A existência de muitos estudos isolados que procuram descrever o empreendedor são válidos, mas não conseguem ser efetivos, uma vez que o empreendedorismo é um tema amplo que carece de um conjunto de estudos para que possa ser entendido e repassado à comunidade.

A maioria dos estudos realizados sobre o tema é na linha psicológica, em que se procura descrever o indivíduo empreendedor, mas como se forma esse indivíduo, qual sua visão de mundo, qual seu papel na sociedade.

O empreendedorismo compreende vários fatores, de ordem individual, social, cultural, econômica, então não se pode generalizar, ao trabalhar apenas um dos elementos.

Este estudo procurou elaborar um modelo que possa ser utilizado, integrando o estudo das ciências como a psicologia, a economia, a filosofia e a pedagogia. Entende-se que devam ser realizados outros estudos que possam contribuir com a tentativa para compreender este fenômeno.

Theoretical Argues about the Entrepreneurship Education: the Attempt on Creating a Model based on the Different Knowledge Areas linkage

Abstract

This research intends to seek standards to build a theoretical model that may be used by the agents in charge of the local development. Enterprising plays an important role to create the local entrepreneurial capacity. The agents, as public knowledge resources and/or governors must follow certain guidelines to accomplish this goal. Making a theory is a difficult way, because there isn't only a single concept. Lining up the scientific studies used so far, as psychology and economy, we may have a great guideline to work with. Separately, on the other hand, they focus only one of the entrepreneurial elements. This model intends to join all the knowledge brought from different sciences, such as philosophy, economy, psychology and pedagogy, using its focuses to create oneself, its relationship with the world and with the economy dynamics from one region, and how you can create your conception to be an entrepreneur. These concepts when joined may create a theoretical model that supports actions in the sense to spread entrepreneurship.

Keywords: Entrepreneurship. Entrepreneurship Education. Entrepreneurs Formation. Entrepreneurship Theory.

REFERÊNCIAS

BARBIER, J. M. **Savoir théoriques et savoirs d'action**. Conservatoire National des Arts et des Métiers. Canadá: 1996.

BAUMOL, William J. **Entrepreneurship, management and structure of**. Ed. Mit Press, 1994.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2001.

CORREA, David P.; BERNI, Duilio de Avila. O conceito de empresário empreendedor shumpeteriano e sua atualização. **Análise PUCRS**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 21-48, 2000.

DRUCKER, Peter. **Inovação e Espírito Empreendedor: Prática e Princípios**. São Paulo: Pioneira, 1998.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia: Romance da História da Filosofia**. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

GARTNER, William B. "Who is an entrepreneur?" Is the wrong question. **American journal of small business**, 1988.

GASSE, Yvon; D'AMOURS, Aline. **Profession: entrepreneur**. Montreal (Québec); Les éditions transcontinental, 2000.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JUSTO, Henrique. **Cresça e Faça Crescer: lições de Carl Rogers**. Canoas – RS: Ed. La Salle, 2000.

KEYNES, John Maynard. **Teoria geral do emprego, do juro e do dinheiro**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1964, 155 p.

KOURILOFF, M. Exploring perceptions of a priori barriers to entrepreneurship: a multidisciplinary approach. **Revista Entrepreneurship theory and practice**, 2000.

KUHN, Thomas S. **Estrutura das Revoluções Científicas**. 5. ed. Ed. Perspectiva, 1997.

LEZANA, A. G. R.; TONELLI, A. “O comportamento do empreendedor”. In: DE MORI, F. (Org.). **Empreender: identificando, avaliando e planejando um novo negócio**. Florianópolis: Escola de Novos Empreendedores, 1998.

MASLOW, H. Abraham. **Motivación y Personalidad**. Madrid: ed. Díaz de Santos S.A., 1991.

_____. **La Personalidad Creadora**. Barcelona: Editorial Kairós, 1982.

McCLELLAND, David. **The Achieving Society**. Princeton: Van Nostrand, 1961.

MISUKAMY, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.

MONNERAT, Heloisa H. Carvalho; FERRAZ, Fernando T. Diferentes abordagens na formação de empreendedores: um estudo de caso. **Anais XII seminário da ANPROTEC**. São Paulo: SP, 2002.

OLIVEIRA, Janaina Mendes. **Modelo para a integração dos mecanismos de fomento ao empreendedorismo no âmbito das universidades: o caso da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Florianópolis. 2006. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, 2006. Florianópolis, 2006.

_____; PEREIRA, Edlucia; DORION, E. Uma Visão Pedagógica para o Ensino do Empreendedorismo dentro da Universidade. In: **III Congresso Internacional Lassalista de Educação**, Canoas – RS, 2003.

_____; ZAGONEL, Fabiano. Um Estudo sobre o Perfil do Empreendedor na Cidade de Canoas RS. **V SEFIC**, Centro Universitário Lasalle, 2002.

OLIVEIRA, Marta K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1995.

PEREIRA, Sonia. **A formação do empreendedor**. Florianópolis: Tese (Doutorado em Engenharia da Produção) PPGEP, Universidade Federal de Santa Catarina – Ufsc, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **As competências para ensinar no século XXI**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

_____. **Construir as Competências desde a Escola**. Porto Alegre: Artmed Editora, 1999.

PIAGET, J. **A Formação do Símbolo na Criança**. São Paulo: Zahar, 1975.

PLATÃO. **Platão vida e obra**. Coleção Os pensadores. Nova cultural, 1999.

REGO, Teresa Cristina. **Vygostky, uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

ROPÉ, Françoise; TANGUY, Lucie. **Saberes e Competências: o uso de tais noções na escola e na empresa**. 4. ed. Campinas: Papirus, 2003.

SALTINI, Claudio J. P. **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro: Ed. DPA, 1999.

SCHUMPETER, J. **Teoria do Desenvolvimento Econômico: Uma Investigação sobre Lucros, Capital, Crédito e o Ciclo Econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Walden II: uma sociedade de futuro**. Tradução Raquel Moreno e Nelson Raul Saraiva. 2. ed. São Paulo: EPU, 1978.

SMITH, A. Do diferente progresso da opulência nas diferentes nações. In: **Riqueza das Nações**. 2. ed. Lisboa: Edições da Fundação Calouste Gulbenkian, v. 1, 1987.

SMITH, A. et al. **Economistas Políticos**. São Paulo: Musa Editora, 2001.

TRIPODI, T.; FELLIN, P.; MEYER, H. **Análise da Pesquisa Social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

